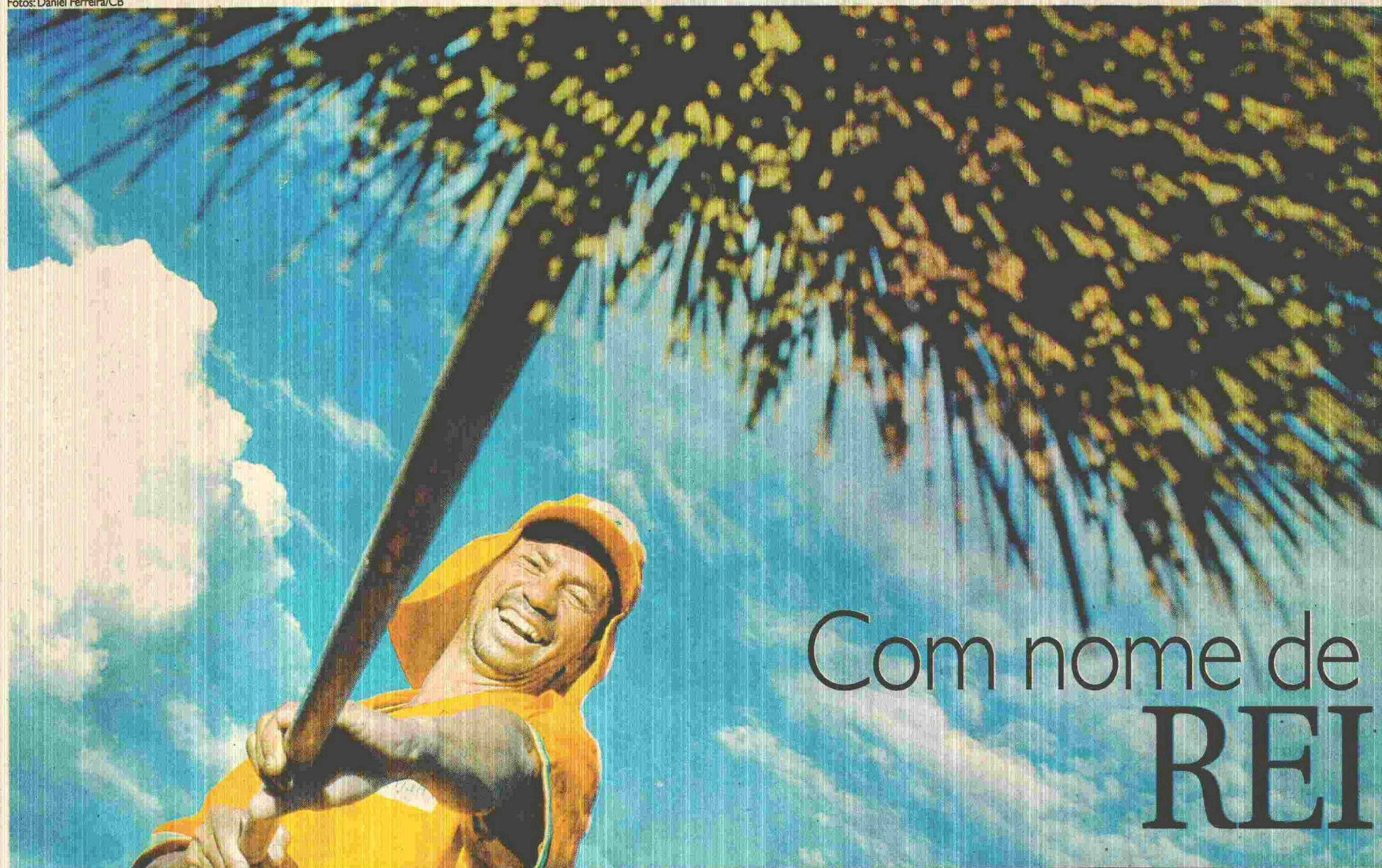




Com nome de REI

ROBERTO CARLOS, NASCIDO NO NÚCLEO BANDEIRANTE: SERVENTE DE PEDREIRO, CAMELÔ, VIGIA DE CARRO E, AGORA, GARI — O PRIMEIRO EMPREGO COM CARTEIRA ASSINADA

Roberto Carlos gosta de fazer com o filho Igor o que não teve na infância: passear pela Água Mineral. Aos 36 anos, ele tem orgulho do primeiro emprego com carteira assinada

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

A mãe dele adora os embalos da Jovem Guarda. E amava mais ainda Roberto Carlos, com seu calhambeque, vindo quente. Um dia, a moça engravidou. E jurou a si mesma que se fosse menino colocaria o nome do primeiro filho em sua homenagem. Promessa cumprida. Então veio ao mundo o Roberto Carlos, nascido numa espécie de hospital improvisado no Núcleo Bandeirante — na verdade, um posto de saúde de madeira. Essa história toda faz 36 anos.

Sem pai, Roberto Carlos cresceu. “Minha mãe nunca me contou quem era ele. Quando era criança, até quis saber, hoje, isso não tem mais importância pra mim. Nunca chamei ninguém de pai”, diz, visceralmente machucado. E o menino sem pai cresceu. Viveu boa parte da vida com a mãe cozinheira mineira de olhos verdes. Depois, adolescente, mudou-se, com a família, para Anápolis (GO). Lá, ajudava a mãe nas atividades domésticas.

Rapaz, Roberto Carlos voltou para Brasília. Morou em invasão. Foi servente de pedreiro, camelô, vigia de carro e, há dois anos, o primeiro emprego com carteira assinada. Virou gari. Salário de R\$ 360. “Sou fichado”, vangloria-se. Varre ruas e avenidas, corre atrás de caminhão malcheiroso e tira uma lição de vida a cada dia com o trabalho. “Meu sonho mesmo é ter um lugar para morar, uma casa de verdade”, diz o homem, que, separado, mora num quarto alugado em Ceilândia.

O menino que cresceu sem pai virou pai. E fez questão de ser um pai exemplar. Bruno Igor, com 10 anos, é a maior paixão do gari. “Por ele, faço qualquer coisa. Dou a minha vida. E ele gosta de mim de verdade”, extasia-se. Domingo passado, pai e filho foram à Água Mineral, passeio preferido do menino e onde o pai ia quando ali só existia um córrego. De Ceilândia até o parque são dois ônibus e quase duas horas de viagem.

De tanto brincar com o filho sob o calor de 30 graus, Roberto Carlos esqueceu-se do sol. Resultado: pegou todo o sol do dia. Resultado: a pele ficou da cor de camarão. Três dias

de atestado. Três dias longe das ruas e das vassouras. “Nem reparei que o sol tava ardendo. Só percebi hoje. Quando tô com meu filho, esqueço do tempo”, confidencia o homem que varre ruas, comprou há um ano o primeiro aparelho de som de sua vida, dividiu a compra em 12 suaves prestações e comprou, piratinha de tudo, na feira de Ceilândia, o CD do seu cantor sertanejo preferido, Eduardo Costa. “Adoro as músicas dele”, diz. E do Roberto Carlos, o xará que o fez herdar o nome? “Também gosto, mas prefiro sertanejo”, diz, convicto o brasiliense de alma quase goiana. “Boa parte da minha vida passei em Anápolis.”

O gari que ajuda Brasília a ficar mais limpa faz uma declaração de amor apaixonada à cidade que lhe deu emprego de carteira assinada: “Gosto muito desse lugar. É bom pra viver. Quero ficar aqui pro resto da minha vida”. E se não fosse gari, o que seria? “Policia civil, acho bonito”. Vergonha da profissão? “Não, tenho orgulho de dizer pra todo mundo que sou gari. Quando conheço uma mulher e ela pergunta o que sou, digo logo: ‘sou gari’, garante. E ela? “Elas gostam de mim como sou”, envaidece-se.